

Afonso Henriques

Vídeo	Áudio
1. EXT. GUIMARÃES	<p>Os portugueses adoram ganhar. E se a vitória for inesperada ou conseguida no último minuto, ainda gostamos mais.</p> <p>Gostamos de ganhar e quando ganhamos somos muito bons a festejar. Saímos à rua. Somos efusivos.</p> <p>Talvez esta maneira de festejar tenha a ver com o facto de nunca ninguém estar à espera que ganhemos.</p> <p>Mas há muitos e muitos séculos atrás, um homem mostrou-nos que podíamos ganhar e ganhar vezes sem conta.</p> <p>Um homem determinado. E esse homem era D. Afonso Henriques, o primeiro e também maior português de sempre.</p> <p>Até parece que estamos em Guimarães, e estamos mesmo. Estamos em Guimarães por causa de um concurso cujo resultado final dirá quem foi o maior português de sempre. Ora o maior português de sempre foi Afonso Henriques. Não por ter sido o primeiro rei de Portugal, mas por ter sido o primeiro português. E por se ter inventado a si próprio como português, coisa que ninguém antes tinha feito e por ter inventado Portugal como nação, coisa que mais ninguém fez depois.</p> <p>Afonso Henriques o Inventor.</p> <p>Inventou um mapa, inventou milagres, inventou</p>

	<p>aliados e inimigos, inventou um cruzamento de gentes e de credos e um sangue benevolente num corpo contraditório que é o Portugal de hoje. O País inventado por Afonso Henriques dura á nove séculos. O que prova bem o génio sobre-humano do seu inventor. O maior português de sempre, e bem feitas as contas o primeiro de todos.</p>
<p>2. EXT. CASTELO DE S. JORGE – DIA Defensor p/ câmara</p>	<p><u>DEFENSOR:</u> “Portugal é um país onde o Verão não é excessivo, o Outono é grande e luminoso, o Inverno moderado, a Primavera precoce.”</p> <p>A adjectivação é forte, a inspiração parece de exclusiva índole meteorológica e, praticamente, só falta elogiar “as qualidades morais da Paisagem” de que Teixeira de Pascoaes falava, para enredados no encanto da construção nos esquecermos do mais importante: o extraordinário início da frase: “Portugal é um país”.</p> <p>É esse o espanto: “Portugal é um país”. É um país pequenino, mas é um país.</p>
<p>3. EXT. COIMBRA Defensor p/ câmara</p>	<p><u>DEFENSOR:</u> “Não se governam nem se deixam governar”, diziam os romanos de antes de Cristo dos Lusitanos de entre o Tejo e o Douro. Talvez quisessem explicar a si próprios porque estúpida razão tinham demorado dois séculos e meio a pacificar a Lusitânia quando apenas sete anos</p>

	<p>lhes tinham bastado para conquistar a Gália.</p> <p>Portugal, os grandes portugueses, os médios portugueses, os pequenos portugueses, nada disto teria existido ou existiria sem o primeiro de todos, Afonso Henriques, nascido provavelmente em Coimbra, provavelmente em 1108, provavelmente em 1109, que provavelmente se armou a si próprio cavaleiro, provavelmente aos 14 anos, provavelmente na catedral de Zamora.</p>
<p>4. EXT. CASTELO DE GUIMARÃES</p> <p>Defensor p/ câmara</p> <p>Ao fundo a estátua de Afonso Henriques</p>	<p><u>DEFENSOR:</u></p> <p>“Provavelmente” significa que falta provar.</p> <p>Mas Portugal, como realização política, é sobretudo o triunfo de uma grande improbabilidade. É essa a sua grandeza e a sua lógica.</p> <p>Atrás de uma grande improbabilidade está sempre um grande homem.</p> <p>Grande, luminoso, moderado e excessivo, o Fundador, o nosso primeiro Rei, o primeiro português.</p>
<p>GENÉRICO – AFONSO HENRIQUES O CONQUISTADOR!</p>	<p>MÚSICA</p>
<p>5. EXT. FEIRA DE RUA</p> <p>As pessoas passam no caos</p> <p>Defensor p/ câmara</p>	<p><u>DEFENSOR:</u></p> <p>O que é um português?</p> <p>Antropologicamente misto, como se prova pelos estudos académicos. Mais vocacionado para a miscigenação do que para o genocídio, como se prova pela experiência do Brasil.</p>
<p>5. MONTAGEM DE IMAGENS</p> <p>Ilustrativas do texto e continuação</p>	<p><u>DEFENSOR (OFF):</u></p> <p>Milenarmente disponíveis para conversão,</p>

<p>da cena anterior</p>	<p>qualquer conversão, para o comércio e para a mestiçagem. Os nativos do extremo ocidental da Europa acolheram fenícios e cartagineses e com estes lutaram contra Roma. Depois herdaram dos romanos a religião católica, os costumes e as leis e, brandamente, converteram os reis godos à sua fé.</p>
<p>6. INT. CLAUSTROS DA SÉ DO PORTO</p>	<p>O catolicismo com a sua modelar organização hierárquica e ideológica, com o corpo firme dos seus dogmas fundamentais e das suas instituições administrativas acabou por dominar todo o ocidente bárbaro. No momento em que Roma cai e a anarquia alastra na ausência de um poder central é a igreja romana que fica de pé e as populações unem-se em torno das suas autoridades eclesiásticas que substituem o poder temporal.</p> <p>São estes bárbaros católicos os derrotados pela invasão muçulmana que tem início no ano de 711. E são estes bárbaros católicos que se refugiam, sob o comando de Pelágio, um godo, nas montanhas das Astúrias, numa estreita faixa ao norte da Península, de onde partirá a Reconquista Cristã, feita de avanços e recuos pelos oito séculos seguintes.</p>
<p>7. MONTAGEM DE IMAGENS (cruzados, retratos e mapa)</p>	<p>DEFENSOR OFF:</p> <p>A promessa do reino dos céus e a certeza das recompensas materiais, atraíram à Península Ibérica mercenários estrangeiros benzidos por Roma para lutar contra os muçulmanos. Eram cruzados os condes Raimundo e Henrique de</p>

	<p>Borgonha a quem o rei Afonso VI de Castela doou, respectivamente a mão da sua filha Urraca e o governo e a defesa da Galiza e a mão da sua outra filha, Tereza e o governo e a defesa do Condado Portucalense, porção de território entre os rios Mondego e Minho.</p> <p>A criação do Condado Portucalense como unidade política deve-se à premência da ameaça militar trazida pela enorme e perigosa ofensiva dos mouros em finais do séc. XI.</p> <p>Aos dois condes borgonheses era suposto travar as investidas muçulmanas e prestar vassalagem ao rei Afonso VI. E, gratos e obedientes, foi exactamente isso que fizeram até à morte do soberano em 1109.</p>
<p>8. EXT. CENTRO HISTÓRICO DE GUIMARÃES</p>	<p>Quatro anos antes, o Conde D. Henrique comprometera-se, por morte de Afonso VI, a reconhecer o Conde D. Raimundo como rei de Leão. E foi exactamente isso que não fez.</p> <p>Há séculos que historiadores se interrogam sobre se o Condado Portucalense se desintegrou do Reino de Leão por via legal ou por via insurreccional...</p>
<p>9. EXT. PRAÇA DA OLIVEIRA GUIMARÃES</p>	<p>Por via ilegal, podemos presumir, porque se a palavra era a lei, o Conde D. Henrique quebrou-a ao não aceitar um papel subalterno em relação ao Conde D. Raimundo e ao proclamar-se Conde e Senhor de Portugal.</p> <p>Não usou por muito tempo o título porque morreu</p>

	<p>cedo deixando a governação do condado à sua viúva, partidária de um entendimento político com a Galiza, contrário aos desejos da nobreza portuguesa que se terá sentido traída.</p> <p>Reposta a legalidade e a vontade de Afonso VI, a via insurreccional, a única possível, já vinha a caminho... E tinha um nome: Afonso Henriques.</p>
9.A	<p>Afonso Henriques, o filho de D. Henrique e de D. Tereza, com a mãe ausente e entregue aos Travas, foi educado em Guimarães por Egas Moniz, poderoso senhor de Ribadouro. Egas Moniz foi uma figura marcante na formação da personalidade e do carácter do jovem em quem os portugueses do início do século XII viam a única esperança de conservar o seu minúsculo estado livre de vassalagem a reis” estrangeiros.</p> <p>Um pai morto, uma mãe ausente, um bom professor, um ambiente social em polvorosa e um forte desejo de independência.</p> <p>À partida pode não parecer bagagem suficiente para uma jornada tão longa. Mas foi.</p> <p>Quando o Conde D. Henrique morre o seu filho tem apenas três anos.</p> <p>Passo a citar o professor Freitas do Amaral, um estudioso e entusiasta do tema:</p> <p>“O infante nem se terá dado conta da febril actividade política e militar da sua mães, da participação dela na Cúria Régia de Oviedo, em 1115; ou das lutas de D. Tereza com a sua irmão, D. Urraca, no contexto da complexa e anárquica</p>

política leonesa de então.”

Nunca saberemos se Afonso Henriques tomou conhecimento do casamento da sua mãe, na Galiza, com Bermudo Peres de Trava, filho mais velho do mais nobre e poderoso fidalgo galego, D. Pedro Froilaz, conde de Trava; ou de como esse casamento se desfez adiando o sonho de uma unidade galaico-portuguesa.

Mas no ano de 1120, tinha Afonso Henriques 11 anos, as coisas começaram a mudar.

D. Tereza inicia uma relação com outro Trava, o mais jovem da família, chamado Fernão.

Não se sabe ao certo se chegou a haver casamento ou se apenas vivem como marido e mulher; mas uma crónica antiga diz que mantém entre eles “um casamento sem Deus e sem Direito”.

Esta união de facto tinha na época um carácter incestuoso porque segundo o direito canónico de então, bastava que a primeira relação com D. Bermudo tivesse existido, ainda que ilícita, para tornar ilegítima a união com um irmão seu.

E, neste caso, houve mesmo duplo incesto: porque a filha mais velha de D. Tereza casou-se, pela mesma altura, com o primeiro amante da mãe, Bermudo – que passou assim de concubino/consorte a genro.

O jovem Afonso Henriques assistiu, de longe, a este desfilar de Travas na vida da sua mãe. Acreditam os historiadores que o Bispo de Braga, D. Paio Mendes, terá fomentado no espírito do futuro rei um sentimento de revolta e de pia indignação contra este facto.

	<p>D. Tereza regressaria ao seu Condado e instalase em Coimbra com o Fernão Peres de Trava com quem passa a viver e a reinar. A partir de Janeiro de 1121, todos os documentos oficiais passam a ter a assinatura do último Trava a preencher o coração de D. Tereza. E o conde galego torna-se no homem mais poderoso entre o Minho e o Mondego, território que não lhe pertence e que pretende unificar com a Galiza.</p> <p>Cometeu a imprudência de começar a substituir na administração do Condado os portugueses pelos galegos. Afastou da área do poder três importantes famílias da nobreza nativa: os senhores de Ribadouro, da Maia e de Sousa. E, perdidos os privilégios, logo sentiram em si nascer um forte apelo patriótico que os restaurasse com brevidade.</p> <p>Com 12 anos, Afonso Henriques é o único veículo possível para a insurreição.</p>
<p>10. EXT. RUAS DE GUIMARÃES (ARCO EM DIRECÇÃO AO CASTELO)</p>	
<p>11. EXT. CASTELO DE GUIMARÃES A cidade ao fundo.</p>	<p>A jornada começou em Guimarães. A Afonso VI sucede Afonso VII, filho de D. Raimundo e de D. Urraca.</p>
<p>11 A</p>	<p>No Verão de 1127, D. Afonso Henriques instalase em Guimarães, assumindo a autoridade político-militar a norte do Douro, deixando a sua mãe em Coimbra e criando como que uma segunda corte que iria conspirar abertamente contra a da mãe. Esta insubordinação chega aos</p>

	<p>ouvidos do seu primo, D. Afonso VII, rei de Leão e Castela, que decide vir a Portugal e cercar o castelo de Guimarães para obrigar D. Afonso Henriques a lhe prestar vassalagem. D. Afonso Henriques apesar de não ter capacidade militar para defrontar o rei de Leão, também não queria sujeitar-se à vassalagem.</p>
<p>11. EXT. CASTELO DE GUIMARÃES A cidade ao fundo.</p>	<p>A jornada começou em Guimarães. A Afonso VI sucede Afonso VII, filho de D. Raimundo e de D. Urraca. Em 1127, Afonso Henriques é cercado em Guimarães pelo exército de um Afonso VII cansado das rebeldias portuguesas. Egas Moniz consegue que o exército do leonês levante o cerco, sob promessa de Afonso Henriques prestar a vassalagem devida ao primo. Nunca se saberá quem enganou quem neste episódio da história. Se foi Egas Moniz que enganou Afonso VII ou se foi Afonso Henriques que enganou Egas Moniz. A verdade é que se ninguém tivesse enganado ninguém, o monumento que veríamos aqui, hoje, não seria este. Seria, porventura, um monumento às tropas de Afonso VII que esmagaram a rebelião portuguesa no século XII e que de tal forma a esmagaram que nunca mais ninguém ouviu falar do Condado Portucalense nem do seu jovem e irrequieto caudilho, Afonso qualquer coisa.</p>
<p>11 B</p>	
<p>12. MONTAGEM DE IMAGENS Azulejos alusivos</p>	<p><u>DEFENSOR (OFF):</u> A ida de Egas Moniz com a sua família de baração</p>

<p>Animação</p>	<p>ao pescoço entregando-se ao imperador Afonso VII para pagar com a vida a palavra que ficou por cumprir é uma imagem poderosa.</p> <p>Mas é uma fabulosa invenção pedagógica e de forte sentido moral que ao honrar Egas Moniz, o professor, honra também o aluno, muito jovem ainda para morrer, e nos honra a todos, lavando com um gesto heróico e com um final feliz, uma promessa impossível de cumprir.</p>
<p>13. EXT. CAMPO DA ATACA</p> <p>()</p>	<p>A maioria política e militar de Afonso Henriques não tardou.</p> <p>A “primeira tarde portuguesa” aconteceu na Batalha de S. Mamede, em Guimarães, a 24 de Junho de 1128. Na mais shakespeariana das batalhas, Afonso Henriques, com 20 anos, qual jovem Hamlet, derrota os exércitos de D. Tereza e de Fernão Peres de Trava, e assume o governo do Condado Portucalense.</p>
<p>14. MONTAGEM DE IMAGENS</p> <p>Mapas e animação</p>	<p><u>DEFENSOR (OFF):</u></p> <p>O seu primeiro objectivo passa a ser a consolidação da autonomia do território face à Galiza para depois o tornar num reino independente de Leão e de Castela.</p>
<p>14 A</p>	<p>Depois de um ano de pausa e reflexão estratégica, em 1129 D. Afonso Henriques passa à acção. A sul tem os Mouros, a Norte a Galiza. Se era suposto no plano estratégico da reconquista da península Ibérica D. Afonso atacar os Mouros a sul, ele começa precisamente no sentido contrário, invadindo a Galiza, que quer</p>

	<p>juntar primeiro ao seu condado e assim dizer sem margem de dúvida que não se considera vassalo de Leão e Castela. Essa afirmação é ainda mais marcada quando Afonso VII se faz coroar imperador de toda a Espanha e D. Afonso Henriques não se apresenta nessa cerimónia.</p>
<p>15. EXT. COIMBRA Vista da Margem sul do Mondego</p>	<p>A fixação de D. Afonso Henriques em Coimbra deve considerar-se um ponto de partida para uma mutação importante. Representa a atracção que aquele centro urbano exerce sobre um chefe político ambicioso, que se dá conta da sua importância económica.</p> <p>Ao deslocar a capital activa do seu território para o Mondego, Afonso Henriques permite-se a uma autonomia geográfica inteligente e, falhadas as suas incursões militares pela Galiza, que a terem tido sucesso desenhariam um mapa bem diferente da Península Ibérica, quase deixa prever que o caminho da sua expansão era o caminho do Sul e que o inimigo era agora o muçulmano.</p> <p>Há uma arte na escolha dos inimigos. Um homem sábio escolherá melhor os seus inimigos do que os seus amigos. Afonso Henriques foi o paradigma histórico desta arte.</p>
<p>16. MONTAGEM DE IMAGENS Mapa + retrato + imagens alusivas</p>	<p><u>DEFENSOR (OFF):</u></p> <p>Se em 1137 assina com Afonso VII o Tratado de Tui, comprometendo-se a prestar vassalagem ao rei seu primo, dois anos depois proclama-se Rei de Portugal e rasga o contrato assinado.</p> <p>O que levou Afonso Henriques a tamanho descaramento não foi de somenos. Para se libertar das amarras ao Rei de Leão, o Portugal</p>

	de Afonso Henriques precisava de um milagre e teve-o.
17. MONTAGEM DE IMAGENS Imagens alusivas	<u>DEFENSOR (OFF):</u> Os milagres ocorridos no decorrer da longa jornada do nosso primeiro rei são inúmeros e deixaram bem marcado no espírito da nação essa dependência do sobrenatural que embeleza as páginas da nossa História desde sempre e para sempre. Nós, portugueses, mesmo os agnósticos, rezamos por milagres com toda uma naturalidade que nos assiste desde os primórdios e que ainda devemos ao Fundador.
18. MONTAGEM DE IMAGENS quadros com a aparição	<u>DEFENSOR (OFF):</u> A 25 de Julho de 1139 tivemos o nosso primeiro milagre: Jesus Cristo crucificado “apareceu” a Afonso Henriques na manhã da Batalha de Ourique. O resultado prático da refrega foi, como não podia deixar de ser, amplamente favorável aos portugueses. Cinco reis mouros derrotados de uma assentada! Uma vitória tão inapelável que só podia ser digna de um Rei.
19. MONTAGEM DE IMAGENS Retrato com 30 anos Animação do mapa	<u>DEFENSOR (OFF):</u> Tinha 30 anos, o nosso Afonso Henriques, quando se proclamou rei depois de Ourique. Os historiadores discutem ainda hoje o local exacto da batalha de Ourique. Outros historiadores discutem mesmo se a dita batalha alguma vez existiu e se não se terá sido um poderoso efeito de propaganda política. Mas o importante não é saber se Ourique existiu ou não.

	<p>O importante é reconhecer que o domínio intelectual da “propaganda política” em pleno século XII é, só por si, uma grande ousadia de um grande talento.</p> <p>O importante é reconhecer, e isto entra-nos pelos olhos dentro todos os dias, no século XXI, que o símbolo da Nação que hoje somos, as “cinco quinas” simbolizam os cinco reis mouros mortos de uma assentada pelo nosso primeiro rei nessa batalha que ninguém sabe onde nem como se desenrolou.</p>
<p>20. EXT. SÉ DE LISBOA</p>	<p>Garantida a independência, faltava fazer nascer uma consciência nacional. Uma consciência nacional reclama símbolos. Afonso Henriques foi pródigo nesse campo. No campo dos símbolos e dos milagres. Ainda hoje, o emblema de Lisboa é a barca pilotada por corvos que trouxe o corpo do mártir São Vicente de Sagres até ao estuário do Tejo e que deu o sinal ao rei para o ataque definitivo à cidade.</p> <p>Mas lá chegaremos, a Lisboa...</p>
<p>21. MONTAGEM DE IMAGENS (Zamora?)</p>	<p>Oficialmente, o Estado português nasceu em 1143 porque foi nesse ano, em Zamora, que Afonso VII e Afonso Henriques assinaram o tratado pelo qual o primeiro reconhece ao segundo o título de rei de Portugal. Vinte e um anos depois de se ter armado cavaleiro, a si próprio, naquela mesma cidade, Afonso Henriques é agora reconhecido como rei. Fim do caminho? Nem pensar!</p>

22. EXT. CLAUSTROS DA SÉ DE COIMBRA	Reis também eram os de Navarra e de Aragão, mas estratégica e politicamente dependentes de Afonso VII, Rei de Leão. Afonso I de Portugal queria mais. E conseguiu o que queria. Encomendou Portugal à Santa Sé.
23. RETRATO DE AFONSO HENRIQUES	OFF: “Portanto, eu, D. Afonso, pela graça de Deus, rei de Portugal, ofereço a minha terra ao bem-aventurado S. Pedro e à santa igreja de Roma...”
24. INT. MOSTEIRO DE STA. CRUZ	<p>E dispõe-se a pagar tenças e a prestar vassalagem ao papa e só ao papa a mais ninguém, que é como quem diz, vassalagem ao papa sim, a Afonso VII, não.</p> <p>Ou seja, o rei constrói uma nomenclatura porque um estado precisa de uma nomenclatura. Neste afã religioso-temporal, Afonso Henriques acaba por embaraçar o papa que não para de receber queixas dos lesados.</p> <p>Aliás, a Santa Sé demorou a reconhecer ao nosso rei a sua dignidade, mostrando-se mais exigente do que o próprio imperador Afonso VII, que o fez em 1143. A cúria romana persistiu em dar-lhe o título de <i>dux</i> até à bula <i>Manifestis Probatum</i> de 1179, em que o reconhece como rei, 36 anos depois do Tratado de Zamora.</p> <p>Voltemos atrás...</p>
25. MONTAGEM DE IMAGENS	<u>DEFENSOR (OFF):</u>

	<p>Vamos, então, aos castelos. Os castelos conquistados aos mouros e que estão hoje, pedra sobre pedra, construídos à maneira do Estado Novo, pelo Estado Novo, por patrióticas razões, e podem ser vistos e admirados no topo de algumas cidades e em centenas de bilhetes postais coloridos, tomadas as vistas dos mais diversos ângulos turísticos, sendo os mais procurados aqueles que ostentam a bandeira verde e vermelha da República a ondular sobre a torre mais alta.</p>
<p>27. EXT. CASTELO DE S. JORGE</p>	<p>Afonso Henriques, no que diz respeito a “castelos”, teve dois anos fulgurantes. De 1145 a 1147, conquistou Leiria, Santarém, Sintra, Palmela e Lisboa.</p>
<p>27.X</p>	<p>Mas há um outro castelo, conquistado anteriormente, que se deve destacar – o Castelo de Almourol.</p> <p>Representa a ligação de Afonso Henriques com uma instituição importante para o desenrolar desta história, que deve ser referida., e a base destas conquistas.</p> <p>O castelo de Almourol foi dado aos Templários logo que tomado em 1129. Era um ponto vital na comunicação entre o Norte e o Sul do território ocidental da Península, sendo um ponto avançado na defesa de Tomar e do Oeste onde,</p>

	<p>em Alcobaça, se começavam a instalar os Cistercenses de São Bernardo de Claraval. Mas iria ser também uma base importante para a tomada de Santarém.</p> <p>Sem os Templários e sem Gualdim Pais, o criador de Tomar, que Afonso Henriques tinha armado cavaleiro na batalha de Ourique, e que será mestre da Ordem pouco tempo depois, não teria havido a conquista de Santarém, o acto anterior à chegada a Lisboa.</p>
27.Y	<p>- Contudo, no caminho para a Lisboa, há que primeiro conquistar Santarém, a sua primeira grande barreira defensiva. É um castelo complicado de conquistar. Por um lado estava fora de questão um cerco, por Santarém ser muito rica e poder resistir indefinidamente, mas também não se podia optar por uma batalha em campo aberto porque os exércitos muçulmanos ali concentrados eram muito superiores em número aos do exército português. D. Afonso Henriques acaba por desenhar uma estratégia diferente: iria tomar Santarém de surpresa, pela calada da noite, à frente de um pequeno grupo de militares - como nas forças modernas uns comandos ou forças de operações especiais -- e usando de um estratagema para enganar o inimigo. Como naquela altura havia tréguas entre as tropas portuguesas e o exército muçulmano de Santarém, e como previa o costume que nenhuma das partes pudesse atacar sem avisar o inimigo, D. Afonso Henriques manda avisar os mouros que as tréguas ficavam sem efeito por 3</p>

	<p>dias. A guarnição do castelo preparou-se para um ataque nesses 3 dias mas, como tal não aconteceu, ao 4º descansou. Pois precisamente nessa noite, D. Afonso Henriques lança a sua operação que era de tal forma secreta que o seu próprio exército não estava a par dos seus pormenores. É na noite de 14 para 15 de Março de 1147, que D. Afonso Henriques, mais uma força de cerca de 120 homens, enceta uma operação deveras corajosa. Um pequeno grupo de soldados, encoberto pela escuridão da noite, sobe por umas escadas a muralha, elimina as sentinelas e abre as portas do castelo por dentro para entrar o resto da força com o próprio rei à frente. Os portugueses saem vitoriosos e Santarém nunca mais voltaria a estar nas mãos dos muçulmanos. Estava aberto o caminho para Lisboa.</p>
<p>27. EXT. CASTELO DE S. JORGE</p>	<p>Um poeta árabe escreveu: “Lisboa é o paraíso na terra.”</p> <p>Oliveira Martins escreveu: “Portugal foi Lisboa e sem Lisboa não teria resistido à força absorvente do movimento de unificação do corpo peninsular.”</p> <p>Para Afonso VII, Afonso Henriques só foi Rei em 1143, em Zamora. Para a Santa Sé, Afonso Henriques só foi Rei em 1179, por bula papal. Mas, honestamente, para mim, para nós todos, quer queiramos ou não, Afonso Henriques só foi Rei de Portugal no dia 24 de Outubro de 1147 quando conquistou Lisboa e abriu as portas da</p>

	cidade para que os cruzados estrangeiros que o ajudaram, saqueassem a cidade em nome de Deus.
28.	
29. EXT. SÉ DO PORTO Vista para o Rio Douro	A conquista de Lisboa começou no Porto. A 16 de Junho de 1147, entra na barra do Douro, oriunda de Dartmouth, uma armada de 200 velas com cruzados. São recebidos pelo Bispo do Porto a quem Afonso Henriques incumbira, através de uma carta, de os seduzir para o ajudarem no cerco da cidade.
30. MONTAGEM IMAGENS	OFF: “Se por ventura arribarem aí os navios dos francos, recebei-os com toda a benignidade e doçura e vinde em sua companhia a ter comigo junto de Lisboa”
30. B	<u>DEFENSOR (OFF):</u> Gosto especialmente deste bocadinho: “e vinde em sua companhia a ter comigo junto de Lisboa”. Foi o que fizeram. “O Tejo é um rio em cujas margens se encontra oiro, quando no princípio da Primavera as águas se recolhem ao leito”, escreveu um cruzado inglês que participou na empresa.
30 .C	
31. INT. CASTELO DE S. JORGE	Os santos cruzados discutiram com Afonso

	<p>Henriques o santo saque que lhes caberia da cidade infiel, onde, segundo o mesmo cruzado, “cada qual tinha a religião que queria, por isso de todas as partes do mundo acorriam gentes à cidade, viveiro de toda a licenciosidade”. Está assim explicada porque razão Lisboa era “o paraíso na Terra” para o tal poeta árabe.</p> <p>Cada qual tinha a religião que queria. Este fenómeno de virtualidades futuras compreendeu-o bem Afonso Henriques que, consumada a conquista, depois de um cerco de quatro meses e de mais uma série muito conveniente de milagres, concedeu aos mouros de Lisboa a liberdade de cultivar pacificamente as suas hortas e os pôs a salvo das arbitrariedades que contra eles intentassem cometer os cristãos.</p>
32. MONTAGEM DE IMAGENS	<p>OFF:</p> <p>“Visto que ocupais a cidade desde longa data e nela nascestes, usamos para convosco da costumada bondade. Cada um de vós terá a sua antiga liberdade, porque vos não queremos expulsar de vossas casas. Cada um poderá viver dentro dos seus costumes a não ser que, convertendo-vos, queirais livremente vir aumentar a Igreja de Deus...”</p>
33. EXT. CASTELO DE S. JORGE	<p>O nosso primeiro rei foi um notável humanista, antes do tempo.</p> <p>É certo que o Portugal do século XII era escassamente habitado e o genocídio só iria</p>

	<p>agravar o problema de um país sem população, mas deste gesto tão português e tão primordial – com uma mão mata, com a outra afaga – nasceu toda uma dualidade genética e poética que é a medida da nossa extraordinária improbabilidade.</p> <p>E isso, devemos-lo também ao primeiro rei. Ao primeiro português. Ao maior de todos porque nos inventou e inventando símbolos e milagres e heróis co-laterais, como Martim Moniz, estendeu geograficamente uma ideia de Nação e uma unidade política, nascida a Norte, acabou genialmente pela absorção cultural e demográfica do Centro e do Sul.</p>
<p>34. EXT. CASTELO DE S. JORGE Vista para a praça Martim Moniz</p>	<p>Contra todas as probabilidades, no espaço de um Condado, num espaço de um reinado, os portugueses vão descobrindo que pertencem a uma unidade política diferente das outras existentes na cristandade.</p> <p>Temos, por exemplo, na conquista de Lisboa um herói que morreu entalado numa porta. O prosaico incidente arrepiava pela vulgaridade, tão nossa, tão fadista, tão portuguesa.</p>
<p>34. B</p>	<p>O episódio de Martim Moniz é-nos assim relatado por Frei António Brandão na sua obra “Monarquia Lusitana”.</p> <p><i>Morreu Martim Moniz à entrada da porta que conserva o seu nome, parte mais arriscada por</i></p>

	<p><i>onde os portugueses acometeram.</i></p> <p><i>Uns dizem que tendo os nossos entrado na cidade, e sendo rebatidos pelos mouros, que pretendiam fechar outra vez aquela porta, pelejou com tanto valor o esforçado capitão até que, perdendo a vida, fez do seu corpo uma ponte para os nossos passarem e impediu aos mouros o seu intento.</i></p> <p><i>Outros querem que, sendo ferido na entrada desta porta de golpe mortal, foi milagrosamente seguindo e ferindo os mouros, com a cabeça meio cortada, até cair morto na outra parte do castelo, onde fica a igreja do Apóstolo Santiago.</i></p>
34. C - EXT. LISBOA	<p>Uns dizem, outros querem, diz António Brandão.</p> <p>Entre o acidente e o milagre, ficou-nos um herói original. Ou fez de ponte ou andou sem cabeça à espadeirada. As duas hipóteses ficam-lhe bem. A ele, martim Moniz, e a nós portugueses.</p>
35. INT. ESTAÇÃO MARTIM MONIZ	<p><u>DEFENSOR (OFF):</u></p> <p>Martim Moniz é hoje o nome de uma estação do metropolitano de Lisboa. Ei-los, os lisboetas, entrando e saindo dos comboios, enquanto a voz amplificada do comando da estação os avisa para terem cuidado com as portas.</p>
36. EXT. PRAÇA MARTIM MONIZ Imagens da pluralidade de raças e costumes. O tráfego entre lojas nos centros comerciais.	<p><u>DEFENSOR (OFF):</u></p> <p>Hoje, a praça de Martim Moniz é um multicultural e antropologicamente misto centro comercial lisboeta.</p> <p>“Cada um poderá viver dentro dos seus costumes”, disse o nosso primeiro rei aos lisboetas mouros de 1147.</p>

	<p>“Cada qual tinha a religião que queria, por isso de todas as partes do mundo acorriam gentes à cidade”, escreveu o cruzado inglês que participou no cerco e no saque da cidade.</p> <p>A Lisboa de hoje é tão afonsina e meridionalmente licenciada quanto a do século XII. E no dia em que o deixar de ser, benza-nos Deus que estamos perdidos.</p>
37. MONTAGEM DE IMAGENS	<p><u>DEFENSOR (OFF):</u></p> <p>A herança que D. Afonso Henriques nos deixou é esta:</p> <p>“Portugueses, não sejam saloios!”</p> <p>Misturem-se uns com os outros, não tenham medo, e que nenhum sinta primazia sobre o outro por razões religiosas, morais, económicas ou de género.</p>
38. EXT. RUAS DE LISBOA	<p>Façamos nossa a vontade do primeiro rei e poupemo-nos uns aos outros. O nosso sangue fenício, lusitano, cartaginês, romano, suevo, godo, árabe, celtibero, judeu, africano impõe-nos essa responsabilidade civilizacional.</p>
39. INT. MOSTEIRO DE STA. CRUZ	<p>Transposto o portal pálido de Santa Cruz de Coimbra, aqui estamos, como escreveu Alexandre Herculano, a saudar ossos do filho do Conde D. Henrique de Borgonha, do neto de Afonso VI, do primo de Afonso VII de Leão, do primeiro rei de Portugal, um estrangeiro a quem devemos tudo o que nos diferencia dos</p>

	estrangeiros, ou seja, um país.
40. INT. MOSTEIRO DE STA. CRUZ (COIMBRA)	<p>Depois de Lisboa conquistada, Afonso Henriques ainda viveria mais 38 anos. E fez o que tinha a fazer. Tomou conta do Alentejo, conquistou Alcácer do sal, Beja, Évora, enfim, mais castelos, e, morto Afonso VII, estabeleceu com Fernando II a delimitação geográfica do Guadiana para as futuras conquistas de um e de o outro.</p> <p>Ou seja, desenhou Portugal do Minho ao Algarve, mesmo que a conquista definitiva do Algarve, em 1249, ficasse a cargo do seu trineto Afonso III.</p> <p>Dois séculos e meio teriam ainda de esperar os do outro lado do Guadiana pela queda de Granada e pelo triunfo dos reis católicos sobre os muçulmanos.</p>
41. MONTAGEM DE IMAGENS	<p><u>DEFENSOR (OFF):</u></p> <p>Como qualquer grande personagem que se preze, teve um acto falhado de monta: uma expedição idiota a Badajoz, em 1171, para acolitar Geraldo-Sem-Pavor, a quem devia a reconquista de Beja, numa acção de guerrilha contra o inimigo. Partiu uma perna e foi feito prisioneiro por Fernando II que logo libertou porque não havia prisão que chegasse para um homem tão grande.</p>
41. A	A vida política de D. Afonso Henriques não terminou com o desastre de Badajoz, mas D.

	<p>Afonso Henriques ficou fisicamente inválido, tendo de cessar a sua actividade militar. Estava com 60 anos, uma vida muito longa para época, e era necessário pensar na sua sucessão. A escolha é natural, o seu filho D. Sancho, mas D. Afonso Henriques vai mais longe e associa-o desde os seus 19 anos ao governo e regência do reino. Ao mesmo tempo, num outro acto de sabedoria política que revela que depois de Badajoz se o rei ficou fisicamente inválido o seu génio político continuava na sua melhor forma, Afonso Henriques negociou uma trégua de cinco anos com o Emir de Marrocos. Se há quem veja nisto uma prova de fraqueza, não percebe de certo a visão política do rei, que ao negociar estas tréguas dava tempo que D. Sancho crescesse, amadurecesse e se preparasse para a conquista do resto do território, que como sabemos iria fazer com grande sucesso.</p>
<p>42. INT. MOSTEIRO DE STA. CRUZ</p>	<p>Morreu a 6 de Dezembro de 1185, teria perto de 80 anos. Está aqui, é o que dizem, e no que dizem, acredito quando se trata do primeiro português.</p> <p>Acredito até no papa Alexandre III que o reconheceu como rei e a Portugal como Estado, como se uma coisa fosse possível sem a outra:</p>
<p>43. RETRATO DO PAPA</p>	<p>OFF:</p> <p>“Está claramente demonstrado que, como bom filho e príncipe católico, deixaste aos vindouros nome digno de memória e exemplo merecedor de imitação”</p>

44. EXT. IGREJA DE S. MIGUEL (GUIMARÃES)	Está claramente demonstrado que nos deixou o esboço de um quadrilátero irregular como território e um sentimento de identidade libertária que nos define e nos une contra todas as improbabilidades. Dessas improbabilidades, a maior de todas foi ele próprio, Afonso Henriques. E por consequência, nós, os improváveis portugueses.
45. MONTAGEM DE IMAGENS	<p><i>OFF:</i></p> <p><i>Todo o começo é involuntário.</i></p> <p><i>Deus é o agente.</i></p> <p><i>O herói a si assiste, vário</i></p> <p><i>E inconsciente.</i></p> <p><i>À espada em tuas mãos achada</i></p> <p><i>Teu olhar desce.</i></p> <p><i>“Que farei eu com esta espada?”</i></p> <p><i>Ergueste-a, e fez-se.</i></p>
46. EXT. CASTELO DE GUIMARÃES	Um vontade indómita, uma energia transbordante, nove séculos se passaram e aqui estamos no mesmo lugar, no lugar da invenção de um País. Devemos ao primeiro português, ao maior de sempre, o seu sentido prático da história, a rapidez alucinante com que tomou decisões e estendeu fronteiras e a solidez que nos legou símbolos e códigos que ainda hoje nos regem a nossa improvável identidade. Foi este o homem, Afonso Henriques. Foi este o berço, Guimarães. Ao longo da história como portugueses poderemos ter muito ou pouco a lamentar, mas

	jamais nos poderemos queixar de falta de berço, de um extraordinário berço. FIM
--	---